

A PLURALIDADE DE IDENTIDADES NO BAIRRO MARÉ –RIO DE JANEIRO

Autor: Silva, Jailson de Souza E⁽¹⁾

I) Sobre a identidade das classes populares

“ In recent years the concept of class has come under increasing scrutiny as a means of explaining both the present and the past. The reasons for this lie in the profound economic, political, and intellectual changes marking our time.” (Joyce Patrick, 1995)

A análise do espaço social a partir da utilização do conceito de classe, como assinala Patrick, vem sendo avaliada e questionada há algum tempo⁽²⁾. Em geral, as críticas destacam supostas restrições que o conceito impõe às análises sociais. O objetivo central neste texto não é discutir o conceito de classe, o que demandaria um esforço analítico que ultrapassa as possibilidades do presente trabalho. Não é possível, entretanto, ignorar a importância de uma apresentação do que vem se apresentando como limitações do conceito marxista de classe, em particular no que concerne à apreensão da complexidade das relações estabelecidas entre múltiplos grupos sociais.

Robert H. Srour (1987) apresenta três noções⁽³⁾ distintas do termo classe, no Brasil. Na primeira, classe é entendida como categoria profissional (*classe* dos médicos, professores, metalúrgicos, etc.). Na segunda, a noção apresenta-se a partir de estratos ou camadas, definidos de acordo com as faixas de rendimentos ou níveis sócio – econômicos. Por fim, temos a noção de classes concebida a partir das relações econômicas com os meios de produção, sendo os recortes efetivados a partir das posições na ocupação. Essa é a concepção marxista e sobre ela nos debruçaremos.

O conceito de classe construído por Marx nasce marcado pela necessidade política. Ele se caracteriza pelo caráter polarizador, pelo peso da variável econômica e por sua lógica agregadora. Isso porque o conceito nasce a partir de uma necessidade clara: identificar-se o sujeito transformador, o ente social que encaminharia a luta revolucionária contra a

¹ Professor da Faculdade de Educação da UFF/RJ; Doutor em Sociologia da Educação – PUC/RJ

² C.f. J. Patrick (1995); P. Bourdieu (1990; 1994); E. Sader e M. Paoli (1986).

³ As distinções existentes entre os termos noção e conceito são ignoradas pelo autor.

propriedade privada. As óbvias diferenças entre as diversas frações trabalhadoras não eram ignoradas, mas sim obliteradas diante do projeto de unidade dos trabalhadores contra a opressão do capital. Não casualmente, a inserção da classe média neste modelo foi sempre um desafio, sendo propostas soluções que, historicamente, não deram conta do problema⁽⁴⁾.

As críticas aos limites do conceito na análise das relações sociais acompanham o marxismo há muito tempo. A contraposição mais difundida foi a formulada por M. Weber, que constrói uma proposição centrada na classificação de diferentes grupos sociais, posicionados de acordo com o acúmulo de capital econômico, prestígio social e/ou peso cultural. Introduziu-se, ali, o viés culturalista na diferenciação / aproximação dos estratos sociais, buscando-se superar as injunções meramente econômicas.

Weber é um dos principais autores que Bourdieu utiliza para rebater a visão marxista de classe social. Para ele, o conceito institui tanto uma determinada representação do mundo social como sua materialização. Logo, se *“hoje falamos em classe e vemos algo no real semelhante a ela, é em grande parte graças a Marx.”* (1996:66).

O sociólogo francês questiona, fundamentalmente,

“a representação realista da classe como um grupo delimitado, existente na realidade como realidade compacta, bem recortada, de modo que se saiba se existem duas classes ou mais, ou mesmo quantos pequenos burgueses existem” (Id:67).

Na perspectiva de uma superação dialetizada do conceito, Bourdieu vai defender que

“as pessoas estão situadas num espaço social, elas não estão num lugar qualquer, isto é, intercambiáveis, como pretendem aqueles que negam a existência das ‘classes sociais’; [assim], em função da posição que elas ocupam nesse espaço muito complexo, pode-se compreender a lógica de suas práticas e determinar, entre outras coisas, como elas vão classificar e se classificar e, se for o caso, se pensar como membros de uma classe” (Ib:67)

A partir dessas referências, o pensador francês vai estabelecer uma série de rupturas com a concepção de classe da teoria marxista. Dentre outras coisas, Bourdieu rompe com a *“ilusão intelectualista”*, que confunde a classe teórica com a real. Assim, considera que o

“erro maior, o erro teoricista encontrado em Marx, consistiria em tratar as classes no papel como classes reais, em concluir, da homogeneidade objetiva das condições, dos condicionamentos e portanto das disposições, que decorre da identidade de posição no espaço social - (grifo nosso), a existência enquanto grupo unificado, enquanto classe” (1990:156).

⁴ C.f o termo classe in T. Bottomore (Dic. do Pensamento Marxista, 1988:167)

A segunda ruptura de Bourdieu é com o economicismo,

“[que] leva a reduzir o campo social, espaço multidimensional, unicamente ao campo econômico, às relações de produção econômica constituídas assim em coordenadas da posição social” (1994:133).

o terceiro plano de ruptura é com o objetivismo, que

“ignora as lutas simbólicas desenvolvidas nos diferentes campos, nos quais está em jogo a própria representação do mundo social e, sobretudo, a hierarquia no seio de cada um dos campos e entre os diferentes campos” (Id:133).

Por fim, ele rompe com a idéia de substância *“onde se privilegia as definições dos grupos reais, seu número, seus limites, membros, etc. - em detrimento das relações” (Id:134).*

Nessas rupturas encontram-se as referências para a construção da teoria social de Bourdieu e os elementos que nos permitem pensar em outros termos a questão da *identidade social*.

De acordo com Oliveira (1976),

“a identidade é construída em duas dimensões: a pessoal (ou individual) e a social (ou coletiva). Antropólogos e sociólogos tem procurado mostrar como as duas dimensões estão interligadas ...já que é um mesmo fenômeno, situado em diferentes níveis de realização”.

Neste caso, a identidade emerge da dialética entre sociedade e indivíduo, como nos revela Berger e Luckman⁵). Goffman, por seu turno, vai entender a constituição da identidade pessoal e social a partir, em primeiro lugar, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão (E. Goffman, 1992:107) .Em que pese a ênfase subjetivista presente nestas obras clássicas, é significativa a compreensão da noção de identidade a partir de dois conceitos basilares: a idéia de *construção* e a de *relação*.

Os elementos fundamentais da proposição de identidade social de N. Canclini sustentam-se, justamente, nas duas categorias. Seu ponto de partida é a crítica ao que denomina de *“concepções ontológico - fundamentalista das identidades” (1995:224)*. Nessa visão, haveria uma crença a-histórica e transcendental nas identidades, fossem nacionais ou populares. Sendo assim, a identidade é marcada por uma essencialidade imanente, a ser defendida dos ataques dos seus possíveis adversários - sejam outros grupos sociais, as multinacionais, a globalização etc. Não há espaço para a negociação, pois as identidades estão prontas, deli-

⁵ Cf. Berger e Luckman, 1993:230.

mitadas. As diferenças são acentuadas e transformadas em elementos divisores, ignorando-se as possíveis circularidades das relações sociais. Não se reconhece, assim, a possibilidade de constituições de uma identidade híbrida, *“foco de um repertório fragmentado de mini-papéis”*(1995:39).

Canclini defende que, diante do impacto da globalização, da transnacionalização e do multiculturalismo, deve complementar-se a clássica definição sócioespacial de identidade, referente a um território particular, com uma definição sócio-comunicacional (1995:35). Isto é necessário diante da *“constituição de formas heterogêneas de pertencimento, cujas redes se entrelaçam com as do consumo”*(Id:35). Numa proposição ousada, o autor de *“Consumidores e Cidadãos”* considera que *“vamos nos afastando da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas”*(Id:15).

As identidades, nos diz Canclini, *“configura-se no consumo, depende daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a consumir”*. Ele não reduz o consumo à simples aquisição e utilização imediata de bens determinados, mas o analisa a partir *“do conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos”* (Id:53). As noções de distinção e de valor simbólico, utilizadas por Bourdieu, fundamentam de forma abrangente suas proposições. Isso porque Bourdieu considera que *“a identidade social se define e se afirma na diferença”* (1979:191) visto que *“todas as propriedades de distinção só existem na e pela relação, na e pela diferença.”*(Id: 250). Grimberg já expressara, antes de Bourdieu, uma compreensão da identidade em termos próximos, ao afirmar que

“um dos elementos importantes para a consolidação do sentimento de identidade é o jogo dialético entre a semelhança e a diferença”(Grimberg, 1971:168 apud R. Oliveira, 1976:17).

Eder Sader e Maria Célia Paoli produziram um artigo, em 1986⁽⁶⁾, que buscava analisar como alguns trabalhos sociológicos apreendiam, à época, os grupos sociais populares. Os dois autores entendiam que os trabalhos sociológicos da década de 80 estabeleciam uma ruptura interpretativa com trabalhos de décadas anteriores, que haviam cristalizado a idéia de uma classe popular. Assim,

“os trabalhadores, operários, subalternos, os populares, os habitantes de periferia, favelas e subúrbios, os migrantes, os mobilizados em sindicatos e os participantes de movimentos sociais urbano (são) reunidos como um corpo”

⁶ Cf. E. Sader e M.C. Paoli, 1986

de pessoas e grupos que, juntos (grifo dos autores) formariam uma 'categoria', uma 'estrutura' ou uma 'prática coletiva' no interior de relações com outros grupos que lhe são antagônicos" (1986:39).

Neste período, diferentes autores⁽⁷⁾ passaram a considerar que

"a utilização acrítica do paradigma histórico - estrutural leva à redução da realidade à lógica do capital e ao tradicional conflito de classes, numa perspectiva histórica determinística" (Pepper, 1994:35).

Produziram-se, então, novas referências, onde

"a categoria de sujeito popular / ator social passa a substituir a categoria classe social, bem como a de movimento popular / movimento social passa a substituir a de luta de classe. Ao invés de revolução, transformações culturais substantivas a partir do cotidiano são as valorizadas(.....) o agente social capaz de responder a esta mudança deve ser considerado em sua pluralidade, dependente das várias posições do sujeito no âmbito das formas discursivas, através das quais ele constituiria uma nova identidade e uma nova forma de se organizar". (Damasceno, 1994:15).

O problema maior dessas novas proposições, como sublinha Sader e Paoli, é a negação do conceito de classes, de lutas de classes e a priorização de análises fragmentárias, que reduzem o foco da investigação aos elementos mais cotidianos e particulares, afirmando-se uma processualidade na constituição identitária que ignora as necessárias relações. Temos assim o risco, por um lado, de uma visão polarizadora e homogeneizadora dos vínculos entre as classes e, por outro lado, uma concepção que esvazia as relações, afirmando uma identidade particular, fruto do contato do sujeito com sua realidade imediata.

Construídas no sentido de superar estas limitações, as noções de *campo* e de *habitus*, de Bourdieu, criam as condições para a construção de uma análise que capte as nuances das construções relacionais das identidades individuais e sociais. O ponto de partida de Bourdieu (1994) é a compreensão do mundo social como um espaço multidimensional. Ele trabalha, contudo, com uma visão de espaço distinta da noção linear utilizada pela física tradicional. O espaço não é um "pano de fundo" dos objetos, nem se define por uma distância linear entre os mesmos. O que existe é um espaço de relações, não há uma substancialidade espacial.

⁷ C.f. T. Ever (1984); R. Cardoso (1984); N. Telles (1987)

Os agentes e grupos de agentes são definidos pelas suas posições relativas neste espaço. A correlação de forças entre os diferentes agentes e grupos definem-se a partir do volume global e da composição das diferentes espécies de capital⁸). A partir da noção de espaço social, agentes e capitais variados, Bourdieu propõe a definição de *campo social*, entendido como

“um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital - quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto de suas posses”(1994:135)

O campo social se com o conceito de *habitus* - “*sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes*” (Bourdieu, 1994 apud Ortiz, 1994:15). Eles permitem que compreendamos os grupos sociais populares (e os outros) não como entidades metafísicas, congeladas no tempo e no espaço, mas como forças sociais que se constituem a partir das posições que ocupam nos diferentes campos onde atuam. As identidades, nesse caso, se constituem de acordo com a posição numa determinada região do espaço social. Esta posição fundamenta a sensação de *pertencimento* em um determinado grupo ou mesmo classe, de acordo com a especificidade da posição e dos campos onde se está situado.

Sintetizando o até aqui exposto, foi apresentada uma crítica ao conceito de classe usualmente utilizado pelo marxismo, principalmente no que concerne ao seu caráter unidimensional, objetivador e intelectualista, assim como uma ruptura com a tradicional visão de identidade como mônada, a-histórica, atributo de um indivíduo ou grupo homogêneo. As categorias *relação* e de *construção*, associado aos conceitos de *habitus* e campos sociais auxiliam na formulação de uma nova concepção de identidade e, como ~~conceito de classe~~ **Conceito de classe**. do que há de comum nas diferenças e no que há de diferente entre os comuns nos permite ampliar nossa compreensão do mundo social e qualificar, inclusive, a ação social. No plano da análise social, portanto, acredito que a noção de classe deve ser usada, preliminarmente, em uma acepção lógica - como classificação. Em um segundo

⁸ Os capitais podem ser: econômico, cultural, social ou simbólico.

momento, a partir de elementos agregadores, previamente definidos, é possível apreender as diferentes práticas dos diversos agentes sociais. As classes / grupos sociais são constituídos a partir das práticas, representações e sensação de *pertencimento* dos agentes. Caso estas possibilidades sejam confirmadas, as noções de popular e erudito, representações dos subalternos e dominantes podem ser trabalhadas numa perspectiva efetivamente dialetizada, no terreno da circularidade que nos aponta Bakhtin⁹).

Sustentados nessas referências é que apresento, a seguir, algumas proposições sobre as características sociais dos moradores do Bairro Maré – espaço que concentra quinze(15) comunidades populares, na cidade do Rio de Janeiro.

II – Sobre os moradores da Maré:

Bibliografia

BOTTOMORE, Tom - *Dicionário do Pensamento Marxista*, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1988

BOURDIEU, Pierre - *Coisas Ditas*, Ed. Brasiliense, 1990.

_____ - *Poder Simbólico*, Ed. Difel, Lisboa, 1994

BERGER, Peter e LUCKMAM, Thomas - *A construção Social da Realidade*, Ed. Vozes, 10ª edição, Rio de Janeiro, 1993.

CANCLINI, Néstor - *As Culturas Populares no Capitalismo*, Mimeo, 1983.

_____ - *Culturas Híbridas*, Ed. Sudamericana, 1992.

⁹De acordo com C. Ginzburg, “o termo circularidade [foi proposto] por M. Bakhtin, [e tem como fundamento a idéia que] entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo”, noção oposta ao conceito de absoluta autonomia e continuidade da cultura camponesa. (1987:24). Com essa noção, M. Bakhtin busca explicar os mecanismos que permitiam aos “homens da idade média participarem igualmente de duas vidas: a oficial e a carnavalesca, e de dois aspectos do mundo: um piedoso e sério, e outro cômico.” (1993:83). Sobre o uso do conceito para análise dos grupos sociais nas sociedades modernas, ver G. Velho, 1994; T. Dauster, 1996; J. Rupp, 1995; N. Canclini, 1995.

- *Consumidores e Cidadãos*, Ed. UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.

CARDOSO, Ruth C. L. - *Movimentos Sociais e Urbanos: Balanço Crítico* - in Sorj, Almeida (org.) - *Sociedade e Política no Brasil pós 64*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1994.

EVERS, Tilman - *A Face Oculta dos Movimentos Sociais*, Novos estudos, CEBRAP, Nº 4 - (Mimeo), São Paulo, abril / 1994.

GOFFMAN, Erving - *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 5ª edição, 1992.

JOYCE, Patrick (org.) - *Class* - Oxford University Press, New York, 1995.

ORTIZ, Renato - *Pierre Bourdieu* - Coleção Grandes Cientistas Sociais, Ed. Ática, São Paulo, 2ª edição, 1994.

OLIVEIRA, Roberto C. - *Identidade, Etnia e Estrutura Social*, Ed. Pioneira, São Paulo, 1976.

RUPP, Jan C. C. - *Les Classes Populaires Dans un Espace Social à Deux Dimensions* - in - *Actes de la Recherche social* - Ed. Minuit - Paris, Agosto / 1995.

SADER Eder e PAOLI, Maria Célia - *Classes Populares no Pensamento Sociológico Brasileiro* - in - Cardoso Ruth (org.) - *Aventura Antropológica* - Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1996.

SILVA, Eliana S. - *O Movimento Comunitário de Nova Holanda: na Busca do Encontro entre o Político e o Pedagógico* - Dissertação de Mestrado - (Mimeo) - PUC, Rio de Janeiro, 1995.

SROUR, Robert H. - *Classes Sociais*, Ed. Ática, São Paulo, 1987.

TELLES, Vera S. - *Anos 70: Experiências Práticas e Espaços Políticos* - in - *As Lutas Sociais e a Cidade*, Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1988.

“Dans la plupart des théories sur le monde social, l’espace est perçu comme un espace unidimensionnel, structuré en classes et en relations entre les classes par la seule dimension économique” (Jan C. C. Rupp, 1995).

(10)

¹⁰ “Por que uns e não outros?” Caminhada de estudantes da Maré para a universidade. Defendida em 01.09.1999